

A Proximidade da Missa Nova de Paulo VI com a 'Ceia' Luterana

Marcelo Fedeli

A PROXIMIDADE DA MISSA NOVA DE PAULO VI COM A 'CEIA' LUTERANA

Afirmações de Mons. Annibale G Bugnini, do jornal L'Osservatore Romano e de Jean Guitton, amigo íntimo de Paulo VI.

Sobre o *"afastamento"* da NOVA Missa de Paulo VI *"da teologia católica da Missa"* [cf. cardeais Ottaviani e Bacci] à aprovação final por pastores protestantes em 1969 vejam as seguintes citações:

1 – Mons. Annibale Bugnini, indicado por Paulo VI no dia 5 de maio de 1964 como Secretário da Comissão para elaborar o Novo Ordo, já em março 1965 manifestava no jornal da Santa Sé, *L'OSSERVATORE ROMANO*, seu *"desejo de eliminar [do futuro Rito em elaboração] cada pedra que pudesse se tornar ainda que só uma sombra de possibilidade de obstáculo ou de desagrado aos irmãos separados"* (L'Osservatore Romano, de 11 de março de 1965; Doc. Cath. N^o 1445, de 4/4/1965, coll. 603-6040).

Pergunta-se: quais seriam as tais *"pedras, obstáculos e desagrados"* para os *"irmãos separados"*, senão as orações e gestos que exprimiam muito claramente na liturgia romana as verdades católicas de sempre, tão repudiadas pelos protestantes, e reafirmadas no Concílio de Trento, como a **Presença Real na Eucaristia**, o **sacerdócio ministerial**, e o **caráter sacrificial e propiciatório da Santa Missa?**

2 – *L’Osservatore Romano* de 13 de maio de 1967 [coincidentalmente, na comemoração do 50º aniversário da 1ª aparição de Nossa Senhora em Fátima, e quando lá Paulo VI faz o seu famoso discurso enaltecendo os...“homens”...]:

“A reforma litúrgica realizou um notável passo na direção do campo ecumênico e se aproximou das formas litúrgicas da Igreja Luterana”.

3 – Por sua vez, o filomodernista **JEAN GUITTON** – amigo íntimo de Paulo VI – e que no livro *“L’infinito in fondo al cuore”*, escrito juntamente com Francesca Pini, já afirmara que *“a Missa de Paulo VI parece ser a tradução de um serviço protestante”* ([leia mais](#) abaixo-(1)) – no dia 19 de dezembro de 1993, no debate *“Lumière 101”* da Rádio Courtoise, declarou:

...a intenção de Paulo VI em relação à liturgia, ou à vulgarização da Missa, era para reformar a liturgia católica para aproximá-la da liturgia protestante... à Ceia protestante. (...) repito que Paulo VI fez tudo o que estava em seu poder para aproximar a Missa católica – apesar do Concílio de Trento – à Ceia protestante.

Ao protesto de um sacerdote presente no debate, **Guitton** respondeu:

A Missa de Paulo VI se apresenta principalmente como um banquete, não é verdade?... e insiste muito pouco na noção de sacrifício, de sacrifício ritual (...). Em outras palavras, há em Paulo VI uma intenção ecumênica de eliminar, ou pelo menos de atenuar, o que há nela de muito ‘católico’, no sentido tradicional e de aproximá-la – repito – da Missa calvinista! (UNA VOCE – França – maio/junho de 1994)

“... agora se têm a sensação de que ela seja a tradução de um serviço protestante”

(J. Guittton – 1998)

Falando sobre a reforma da liturgia da Missa, imposta a toda a Igreja pelo Papa Paulo VI nos anos 70, Jean Guittton faz, dentre outras, as seguintes afirmações:

1 – Antes do Concílio, a Missa era a Missa. Evidentemente era em latim, não se entendia nada, mas tinha-se a impressão (impressão???) que era a Missa. Porém, agora, têm-se a sensação que ela seja a tradução de um serviço protestante. Do meu ponto de vista, a reforma desejada pelo concílio (Vaticano II) era boa; claro que ela não queria que a Missa, a Eucaristia, fossem sacrificadas, nem principalmente reduzida àquilo que os protestantes fazem durante a sua cerimônia, que chamamos ceia. Por exemplo, quando se decidiu que o sacerdote não a celebrasse mais voltado para o altar, dando suas costas aos fiéis, mas sim voltado a eles, foi executada uma reforma decisiva que realmente perturbou muitos cristãos. Com razão (Com razão ???) quis-se celebrar a liturgia na língua comum – para que os fiéis a compreendessem –, mas sem querer abolir o sagrado. Hoje, praticamente, a Eucaristia não tem mais o caráter sagrado, sério e divino que tinha no passado.(...). (J. Guittton com Francesca Pini, *L'infinito in fondo al cuore*, Ed. Mondadori, Milão, 1998, p. 103. O negrito é nosso).

2 – (...). Frequentemente me pergunto se os sacerdotes que rezam a Missa creem realmente que a hóstia seja o corpo e o sangue de Cristo. Principalmente quando – terminada a função – vemo-los fugir rápido e apressados da igreja, como se tivessem terminado a sua jornada. Então as pessoas se perguntam se os sacerdotes creem realmente. Se eles não creem, portanto, porque

razão deveriam eles crer? (Op. cit. p. 104. O negrito é nosso).

3 – Perguntado se a Missa corre, hoje, o risco de se assemelhar a uma liturgia da palavra, responde Guitton:

Os protestantes não têm esta ideia do sacramento, da transubstanciação: eles repetem aquilo que Jesus Cristo fez, mas de modo simbólico. A ceia deles é uma liturgia da palavra, não é um ato que transforma (transforma ou transubstancia ???) o pão e o vinho no corpo e no sangue de Cristo no sentido fundamental do gesto, assim como pensam (?) os católicos. A Igreja católica tem razão de querer tornar a sua liturgia mais acessível e compreensível aos protestantes, mas não pode abandonar a essência do catolicismo: que no pão e no vinho consagrados estão o corpo e o sangue de Cristo no sentido substancial, verdadeiro e profundo. (idem, p.104. O negrito é nosso).

Perguntamos: **Jean Guitton**, considerado o “*maior filósofo católico do século XX*”, amigo íntimo de Paulo VI, presente no concílio Vaticano II e único leigo nele a discursar (aliás, fato jamais ocorrido em toda a história dos concílios da Igreja), **ao criticar a “Nova Missa” de Paulo VI, afirmou uma verdade, ou não?**

Na qualidade de simples fiéis e leigos, aguardamos resposta séria, clara e objetiva, principalmente dos teólogos, àquela importante e atual questão.

Marcelo Fedeli

Junho 2003